U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

U.PORTO

MESTRADO
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DESVIÂNCIA

Utilização de cão de assistência por uma criança com Atrofia Muscular Espinhal: um estudo de caso

Carolina Maria Gomes Da Cunha Baptista

M

2026

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UTILIZAÇÃO DE CÃO DE ASSISTÊNCIA POR UMA CRIANÇA COM ATROFIA MUSCULAR ESPINHAL: UM ESTUDO DE CASO

Carolina Maria Gomes Da Cunha Baptista

Outubro 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Psicologia da Justiça e Desviância, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Alexandra Oliveira (FPCEUP).

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, a autora declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se ChatGPT para apoio na estruturação do texto e aperfeiçoar a coerência e coesão textual. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da dissertação integralmente da responsabilidade da autora.

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Índice

Resumo 7

Introdução 9

Cães de assistência 9

Cães de assistência em Portugal 9

Atrofia muscular espinhal 10

O Impacto de um cão de assistência na vida do utilizador 11

Participação social e contexto escolar 11

Bem-estar psicológico e qualidade de vida 14

Relações familiares e vida quotidiana 16

Objetivos do presente estudo 17

Método 18

Características das participantes 20

Apresentação e discussão dos resultados 22

Motivações e processo de adoção do cão de assistência 22

O impacto da utilização do cão de assistência na dimensão psicológica e social 23

Perceção sobre o impacto da utilização do cão de assistência na dimensão escolar 28

Perceção sobre o impacto da utilização do cão de assistência na dimensão familiar 29

Perceção sobre os desafios da utilização do cão de assistência 32

Limitações 34

Estudos futuros 35

Conclusão 35

Referências bibliográficas 36

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Resumo

Apesar da crescente utilização de cães de assistência em diversos tipos de situações, os seus contributos para a vida das pessoas que deles beneficiam permanecem ainda pouco estudados. Sendo esta lacuna particularmente evidente no que respeita à sua utilização por crianças com condições neuromusculares, a presente investigação tem como objetivo conhecer as perceções sobre as mudanças associadas à utilização de um cão de assistência por uma criança com Atrofia Muscular Espinhal tipo 2. Para tal, realizámos um estudo de caso de natureza qualitativa, com entrevistas realizadas à criança beneficiária do cão de assistência, à sua encarregada de educação e à profissional da instituição de cedência do cão de assistência, que acompanha a família. Os resultados deste estudo apresentam perspetivas divergentes entre as participantes. A criança refere não ter percecionado mudanças, enquanto as restantes participantes concordam que houve um impacto positivo nas dimensões escolar, familiar e psicológica. Os dados mostram que as participantes percecionam que a presença do cão de assistência proporciona uma melhoria do bem-estar na dimensão psicológica, uma melhor inserção escolar e uma melhoria do bem-estar e autonomia no contexto familiar. Foram também apontadas dificuldades, nomeadamente a aproximação de terceiros com toques e comportamentos inadequados, a dificuldade de acesso a locais públicos e a desinformação da população em geral. Concluímos que os dados recolhidos neste estudo demonstram divergência de testemunhos, tal como também se verifica na literatura, não tendo sido identificado qualquer impacto negativo. Pelo contrário, foram evidenciados vários aspetos positivos associados ao acompanhamento diário da beneficiária pelo cão de assistência. Ao interpretar estes resultados, é essencial considerar algumas limitações, como a idade da criança e os contextos em que as entrevistas foram realizadas, bem como possíveis vieses, nomeadamente viés de atribuição, viés de envolvimento emocional e viés de desejabilidade social. Importa igualmente referir que não participaram neste estudo profissionais do contexto escolar, impossibilitando uma análise mais aprofundada nesse mesmo contexto.

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Abstract

Despite the growing use of assistance dogs in various situations, their contributions to the lives of the people who benefit from them remain insufficiently studied. This gap is particularly evident regarding their use by children with neuromuscular conditions. The present investigation aims to understand perceptions of the changes associated with the use of an assistance dog by a child with Spinal Muscular Atrophy type 2. To this end, we conducted a qualitative case study, with interviews carried out with the child who benefits from the assistance dog, her guardian, and the professional from the assistance-dog-providing institution who accompanies the family. The results of this study reveal divergent perspectives among participants. The child reports not having perceived any changes, whereas the other participants agree that there was a positive impact on the school, family, and psychological dimensions. The data show that the participants perceive the presence of the assistance dog as promoting improved psychological well-being, better school integration, and enhanced well-being and autonomy within the family context. Difficulties were also identified, namely the approach of third parties with inappropriate touches and behaviors, challenges in accessing public spaces, and general public misinformation. We conclude that the data collected in this study demonstrate divergent accounts, as also observed in the literature, with no negative impact identified. On the contrary, several positive aspects associated with the beneficiary's daily interaction with the assistance dog were highlighted. When interpreting these results, it is essential to consider certain limitations, such as the child's age and the context in which the interviews were conducted, as well as potential biases, including attribution bias, emotional involvement bias, and social desirability bias. It is also important to note that no professionals from the school context participated in this study, preventing a more in-depth analysis of that setting.

Palavras-chave: Cão de assistência; Atrofia Muscular Espinhal tipo 2; Crianças; Bem-estar; Contexto familiar; Contexto escolar.

Keywords: Assistance dog; Spinal Muscular Atrophy type 2; Children; Well-being; Family context; School context

Introdução

Embora a relação entre humanos e cães seja antiga e profundamente enraizada, este vínculo tem vindo a intensificar-se globalmente. Em Portugal, encontram-se registados milhões de cães no SIAC, refletindo a crescente presença destes animais na sociedade (Sistema de Informação de Animais de Companhia [SIAC], 2026). A coevolução entre humanos e cães, iniciada há cerca de 40 mil anos, evoluiu para novas formas de interação, incluindo intervenções assistidas em contextos sociais, terapêuticos e clínicos (Binder et al., 2024; Lindsay & Thiyagarajah, 2021). Torna-se, por isso, necessário aprofundar a investigação sobre a eficácia destas intervenções na promoção do bem-estar humano. O presente estudo contribui para esse objetivo ao analisar as perceções sobre as mudanças associadas à utilização de um cão de assistência por uma criança com Atrofia Muscular Espinhal tipo 2.

Cães de assistência

Um cão de assistência é um termo genérico que inclui cães-guia, cães-ouvintes, cães de serviço, cães de alerta médico e cães de apoio em tribunal, sendo estes treinados para executar tarefas que mitigam os efeitos de uma incapacidade (*Assistance Dogs International* [ADI], s.d; Howell et al., 2022). Estes cães devem ser preparados por profissionais acreditados e têm direitos legais de acesso ao espaço público quando acompanham o utilizador (ADI, s.d.; Howell et al., 2022). Em todas estas modalidades, o treino é ajustado às necessidades do beneficiário e orientado para garantir tanto a eficácia funcional do animal como o bem-estar do beneficiário (ADI, s.d.; Howell et al., 2022).

Os cães de assistência são treinados e posteriormente integrados na família ou no quotidiano do beneficiário, com o objetivo de auxiliar a pessoa na gestão das limitações associadas à sua deficiência ou condição específica, promovendo a sua autonomia, segurança e qualidade de vida (ADI, s.d.; Howell et al., 2022).

Cães de assistência em Portugal

Atualmente, a única entidade oficialmente acreditada pela *Assistance Dogs International* para o treino e cedência gratuita de cães de assistência em Portugal é a Ânimas (Ânimas, s.d.). A Ânimas nasceu de um profundo interesse pelos potenciais benefícios do

envolvimento de cães em múltiplos contextos, faixas etárias e áreas de intervenção, tanto a nível clínico, como social (Ânimas, s.d.). A Ânimas, fundada no ano de 2002, integra os *Assistance Dogs Europe* (ADEU) e a *Assistance Dogs International* (ADI) (Ânimas, s.d.).

A atuação da Ânimas proporciona apoio a pessoas com diversidade funcional através de cães de assistência, promovendo simultaneamente maior independência, autonomia e autoconfiança (Ânimas, s.d.). Para além disso, contribui para a inclusão social dos beneficiários, como é o caso de crianças inseridas no espectro do autismo (Ânimas, s.d.).

Atrofia muscular espinhal

A atrofia muscular espinhal (AME) é uma doença neurodegenerativa progressiva e debilitante com uma incidência estimada de aproximadamente um em cada 10 000 nascimentos (Rosa & Von Der Weid, 2026; Suzaine et al., 2021). A AME é uma doença genética causada pela ausência ou mutação do gene SMN1, que provoca redução da proteína SMN, resultando numa fraqueza muscular progressiva e simétrica. (Baioni & Ambiel, 2009; Brás et al., 2018; Chrun et al., 2017; Martins et al., 2026; Suzaine et al., 2021).

A AME é classificada em cinco subtipos de 0 a 4, de acordo com a idade de início dos sintomas e a gravidade do comprometimento motor. No entanto, para efeitos deste estudo, importa sobretudo caracterizar o tipo 2, por ser a condição da criança participante. (Suzaine et al., 2021).

Segundo Baioni e Ambiel (2009), Brás et al. (2018), Chrun et al. (2017), Ferreira et al. (2026) e Suzaine et al. (2021), o tipo 2, ou AME crónica, caracteriza-se pelo aparecimento dos sintomas entre os 6 e os 18 meses de idade. Segundo os mesmos autores, as pessoas com AME tipo 2 geralmente conseguem manter a posição sentada sem apoio e, em alguns casos, permanecer de pé com suporte, contudo, não adquirem a capacidade de marcha autónoma. Os autores referem ainda que as dificuldades bulbares podem contribuir para problemas de alimentação e desnutrição em algumas crianças; para além disso, a fraqueza dos músculos respiratórios compromete a eficácia da tosse, aumentando o risco de complicações respiratórias. Adicionalmente, segundo os mesmos autores, ao longo dos anos, podem surgir tremores, escoliose e fraqueza muscular predominantemente nos membros inferiores.

Atrofia Muscular Espinhal (AME) pode ser tratada através de várias intervenções que ajudam a melhorar a qualidade de vida e a retardar a progressão da doença (Baioni & Ambiel,

2009; Chrun et al., 2017; Suzaine et al., 2021). Um dos principais fatores para alcançar melhores resultados é o diagnóstico precoce da doença, permitindo iniciar rapidamente os tratamentos e medidas de acompanhamento necessários, aumentando as possibilidades de recuperar alguma força muscular e abrandar a progressão da degeneração associada à doença (Baioni & Ambiel, 2009; Chrun et al., 2017; Suzaine et al., 2021).

Para além disso, os portadores desta doença devem ser acompanhados por uma equipa multidisciplinar, de forma a proporcionar o suporte terapêutico necessário tanto aos doentes como às suas famílias (Baioni & Ambiel, 2009; Chrun et al., 2017; Suzaine et al., 2021). Entre as áreas de acompanhamento mais importantes destaca-se a adoção de uma dieta hiperproteica, a realização de sessões regulares de fisioterapia e o acompanhamento psicológico, essencial para apoiar o doente e todos os familiares envolvidos no processo de adaptação e gestão da doença (Baioni & Ambiel, 2009; Chrun et al., 2017; Ferreira et al., 2026; Suzaine et al., 2021).

Em 2016 foi aprovado o Nusinersen (Spinraza), que demonstrou resultados promissores no controlo da progressão da Atrofia Muscular Espinhal, aumentando a sobrevivência, melhorando a função motora e a força muscular (Brás et al., 2018; Chrun et al., 2017). Em 2019 surgiu o Zolgensma, uma terapia génica administrada numa única aplicação intravenosa, destinada a substituir o gene SMN1 defeituoso, promovendo melhorias significativas no desenvolvimento motor das crianças com AME. Este tratamento representou um avanço científico relevante e um novo cenário terapêutico, embora seja considerado dispendioso (Martins et al., 2026; Rosa & Von Der Weid, 2026).

O impacto de um cão de assistência na vida do utilizador

Participação social e contexto escolar

O contexto social constitui uma parte relevante na investigação sobre o impacto dos cães de assistência. Diversos estudos descrevem efeitos positivos, como a diminuição do isolamento, do distanciamento social e a redução de sentimentos de rejeição (Allen & Blascovich, 1996; Crowe et al., 2019; Eddy et al., 1988; Hart et al., 1987; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Mader et al., 1989; Rodriguez, Bibbo, & O'Haire, 2019; Rodriguez,

Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Sachs-Ericsson et al., 2002; Winkle et al., 2011). A presença do cão favorece saídas mais frequentes, aumenta a participação em atividades sociais e amplia as oportunidades de interação, verificando-se também um aumento significativo da duração das interações sociais, geralmente mais positivas, o que contribui para a diminuição de barreiras sociais, reduzindo a estigmatização e facilitando mudanças de atitude face à deficiência, sobretudo entre crianças (Allen & Blascovich, 1996; Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Eddy et al., 1988; Fairman & Huebner, 2000; Hart et al., 1987; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Mader et al., 1989; Ó Conaill et al., 2025; Rodriguez, Bibbo, & O'Haire, 2019; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Winkle et al., 2011). Além disso, o cão de assistência pode apoiar o desenvolvimento de competências sociais em crianças com deficiência, reduzindo sinais de imaturidade associados a menor exposição a interações sociais (Mader et al., 1989).

As investigações realizadas por Crowe et al. (2019), Nieforth et al. (2021), Rodriguez, Bibbo e O'Haire (2019) e Rodriguez, Bibbo, Verdon e O'Haire (2019) afirmam existir um impacto significativo na saúde psicossocial, incluindo melhorias na funcionalidade emocional, social e no envolvimento nas salas de aula, contudo, estes impactos não são universais. Como descrito nos artigos mencionados, beneficiários com maior autonomia tendem a apresentar efeitos menos expressivos, enquanto aqueles que dependem mais do cão de assistência geralmente revelam benefícios mais evidentes.

Ainda segundo Fairman e Huebner (2000), Rodriguez, Bibbo, Verdon e O'Haire (2019), estes efeitos positivos não se estendem a todas as esferas da vida, por exemplo, os sentimentos de raiva, companheirismo, solidão, bem-estar social, participação social e perturbações do sono não apresentaram melhorias significativas.

Já outros artigos, nomeadamente Davis et al. (2004), Harris e D. Sholtis (2016), Lindsay e Thiyagarajah (2021), O'Keefe et al. (2019), Rodriguez, Bibbo, Verdon e O'Haire (2019), Sachs-Ericsson et al. (2002) e Winkle et al. (2011), apresentam resultados distintos, relatando um impacto positivo na redução dos sentimentos de solidão, atribuído às demonstrações de companheirismo proporcionadas pelo cão de assistência.

Os resultados descritos por Rodriguez et al. (2020) e Sachs-Ericsson et al. (2002) evidenciam uma elevada variabilidade, influenciada por fatores como: sexo, idade, tipo e progressão da deficiência, existência prévia de um cão na família e tempo de exposição ao cão

de assistência, diferenças metodológicas, modalidades de treino (realizadas por organizações especializadas ou pelos próprios utilizadores). Em conjunto, estes elementos dificultam comparações diretas e limitam a obtenção de conclusões consistentes sobre o impacto dos cães de assistência (Sachs-Ericsson et al., 2002).

Estudos como Davis et al. (2004), Eddy et al. (1988), Hart et al. (1987) e Winkle et al. (2011) relatam efeitos sociais menos positivos associados ao cão de assistência, incluindo a sensação de invisibilidade do utilizador, já que o foco das interações tende a recair sobre o cão. Nestes estudos, a presença do animal pode também prolongar deslocações devido a abordagens frequentes de desconhecidos. Além disso, segundo os mesmos autores, a aproximação de terceiros para interagir com o cão pode interferir com o seu desempenho funcional e dificultar o controlo em público.

Por fim, alguns estudos mencionam experiências de discriminação social, já que o cão pode tornar mais visível uma condição que anteriormente passava despercebida (Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019).

Analisando o contexto escolar, é notório que o cão facilita interações sociais através do companheirismo e reforça a confiança da criança, o que está associado a uma maior atividade social, interações mais positivas e maior aceitação pelos pares, favorecendo a integração escolar e reduzindo o absentismo (Allen & Blascovich, 1996; Beaulieu et al., 2025; Bloom, 2025; Crowe et al., 2019; Harris & D. Sholtis, 2016; Rodriguez, Bibbo, & O'Haire, 2019).

Bloom (2025) apresenta o conceito *thriving through relationships*, segundo o qual o crescimento pessoal, emocional e cognitivo depende de relações significativas e de suporte. Esta perspetiva reforça que o bem-estar e o desenvolvimento assentam na qualidade das interações interpessoais. Assim, as oportunidades de interação proporcionadas pelo cão de assistência em contexto escolar são percecionadas como enriquecedoras (Bloom, 2025).

Em termos académicos, tem sido relatada uma melhoria na capacidade de atenção, motivação e concentração da criança na presença do cão de assistência, promovendo a aprendizagem, o aumento da conclusão de tarefas e um maior envolvimento nas atividades académicas (Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Ó Conaill et al., 2025). O facto de o cão atuar como facilitador nas atividades quotidianas, reduzindo obstáculos e minimizando

distrações ou atrasos em tarefas funcionais, traduz-se numa maior autonomia, o que pode favorecer o desempenho académico, permitindo que a criança direcione mais recursos para as atividades escolares (Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Harris & D. Sholtis, 2016). É igualmente reportado que, com um cão de assistência, os professores conseguem apoiar o aluno com deficiência sem comprometer a atenção dedicada à restante turma (Harris & D. Sholtis, 2016).

O impacto dos cães de assistência na vida das pessoas com deficiência é um tema ainda relativamente inexplorado, especialmente no contexto escolar. A maioria dos artigos encontrados está relacionada com o espectro do autismo (e.g. Beaulieu et al., 2025; Harris & Sholtis, 2016), sendo escassos os trabalhos sobre outras condições. Esta escassez de literatura verifica-se também nas restantes dimensões analisadas, o que reforça a relevância do presente estudo.

Bem-estar psicológico e qualidade de vida

Ao nível físico, descreve-se uma diminuição do ritmo cardíaco, da frequência respiratória e da pressão arterial, bem como menores níveis de triglicéridos, efeitos associados ao toque e à convivência com o cão (Allen & Blascovich, 1996). Observa-se também um maior estímulo para a prática de atividade física e melhorias na força muscular decorrentes dos cuidados prestados ao animal, contribuindo para o desenvolvimento da motricidade fina (Davis et al., 2004; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Ó Conaill et al., 2025; O'Keefe et al., 2019; Sachs-Ericsson et al., 2002).

Contudo, os benefícios associados ao contacto com animais estendem-se a outras esferas do bem-estar humano.

A autoestima, a motivação e o bem-estar psicológico são alguns dos fatores que tendem a aumentar com o impacto do cão de assistência, tal como a redução dos níveis de ansiedade associada ao contacto físico com o animal (Allen & Blascovich, 1996; Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Fairman & Huebner, 2000; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; O'Keefe et al., 2019; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, & O'Haire, 2019; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Winkle et al., 2011).

Os utilizadores de cães de assistência referem que estes constituem uma importante fonte de suporte emocional, promovendo sentimentos de confiança, segurança e aceitação pessoal, bem como melhorias no humor, na independência e na redução da depressão e da solidão, efeitos associados ao companheirismo e ao apoio proporcionado pelo cão (Allen & Blascovich, 1996; Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Fairman & Huebner, 2000; Futeran et al., 2022; Harris & D. Sholtis, 2016; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Ó Conaill et al., 2025; O'Keefe et al., 2019; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, & O'Haire, 2019; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Sachs-Ericsson et al., 2002; Winkle et al., 2011). Os utilizadores referem também um aumento da capacidade de comunicação efetiva com terceiros, da assertividade e do sentido de responsabilidade, decorrente da necessidade de proteger o cão e garantir o seu desempenho funcional (Davis et al., 2004; Eddy et al., 1988; O'Keefe et al., 2019; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Winkle et al., 2011).

Nos estudos analisados, a maioria dos participantes relatou melhorias significativas após receber um cão de assistência (Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Futeran et al., 2022; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Ó Conaill et al., 2025; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Sachs-Ericsson et al., 2002; Winkle et al., 2011). Estas incluíram: um maior controlo da ansiedade, mais independência, maior autoestima, autoconfiança, assertividade, contentamento e melhor qualidade de vida e de sono. Nos mesmos estudos, os participantes referiram também melhor envolvimento social, maior capacidade de gerir o stress, melhor foco e sentirem-se mais relaxados, ativos, saudáveis, capazes e felizes, bem como menos preocupados com a própria saúde e menos sós, deprimidos e irritáveis. Os mesmos autores constatam também um efeito positivo na regulação do humor, especialmente em crianças.

Rodriguez et al. (2020) observaram que menos de metade dos estudos reportou melhorias na saúde psicológica geral, na qualidade de vida, na independência e na satisfação com a vida após a introdução do cão de assistência. Os efeitos emocionais positivos foram identificados em 46% dos estudos, enquanto apenas 26% referiram reduções em depressão e ansiedade. Não se verificaram mudanças relevantes no autoconceito ou nas atitudes face à condição clínica. O autor apontou efeitos adversos na funcionalidade escolar ou laboral.

Relativamente à vitalidade, os resultados foram equilibrados: 50% dos estudos observaram efeitos positivos, enquanto os restantes não encontraram diferenças significativas. Apesar da variabilidade dos resultados, vários estudos apontaram para um aumento da perceção de autonomia e responsabilidade pessoal (Allen & Blascovich, 1996; Harris & D. Sholtis, 2016; Rodriguez et al., 2020).

Alguns estudos, como Rodriguez et al. (2020) e Beaulieu et al. (2025), identificam uma redução do stress durante a locomoção, indicando que o cão aumenta a sensação de segurança e normalidade no quotidiano; contudo, estes efeitos não se verificam durante a utilização de transportes públicos.

Relações familiares e vida quotidiana

No ambiente familiar, a integração de um novo membro no sistema familiar representa inevitavelmente adaptações nas dinâmicas internas. Estes cães apoiam tarefas do quotidiano, facilitam deslocações e tornam as saídas de casa mais seguras e confortáveis, reduzindo barreiras e promovendo maior autonomia (Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Harris & D. Sholtis, 2016; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Ó Conaill et al., 2025; Sachs-Ericsson et al., 2002). Dada a amplitude de apoio prestado, os cães de assistência tendem a aliviar de forma significativa a carga física e emocional das famílias, ao facilitar a execução de tarefas diárias, reduzindo a necessidade de ajuda por parte dos cuidadores (Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Ó Conaill et al., 2025; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, & O'Haire, 2019; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019; Winkle et al., 2011). Este sentimento de cuidado facilitado por parte dos pais/cuidadores tem um impacto positivo tanto na qualidade do sono como no número de saídas realizadas pelo agregado familiar, o que se traduz numa maior e melhor integração na comunidade, com interações mais positivas que se estendem a toda a família. (Crowe et al., 2019; Ó Conaill et al., 2025; Nieforth et al., 2021). Alguns estudos sugerem que, apesar de o cão de assistência poder representar um encargo adicional, a sua presença pode também traduzir-se num alívio económico, já que, a longo prazo, o apoio canino tende a ser mais acessível do que a contratação de ajuda humana, reduzindo simultaneamente o número de horas em que essa ajuda é necessária (Allen & Blascovich, 1996; Fairman & Huebner, 2000; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Winkle et al., 2011).

A presença do cão de assistência tende a fortalecer os laços familiares já existentes (Davis et al., 2004; Ó Conaill et al., 2025; Nieforth et al., 2021). No entanto, no estudo de Davis et al. (2004), foi reportado que a presença deste membro da família poderia desencadear sentimentos de rivalidade e ciúmes entre os irmãos, que competem pela atenção tanto do cão como do seu beneficiário.

Algumas famílias encaram o cão de assistência apenas como uma ferramenta de apoio ao beneficiário, enquanto outras o integram plenamente na dinâmica familiar, vendo-o como companheiro, amigo e ajudante, constituindo também uma fonte de apoio social e emocional para os pais (Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Ó Conaill et al., 2025; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019). Embora existam relatos de mudanças nas relações entre irmãos, isso não parece ocorrer nas relações entre pais e filhos, podendo, em vez disso, estas ser enriquecidas (Davis et al., 2004).

Alguns pais referem que a presença de um cão de assistência contribui para a transmissão de valores e lições de vida, nomeadamente o respeito por outras criaturas vivas, utilizando estes animais como metáforas, tornando a compreensão de comportamentos e emoções de forma mais acessível (Davis et al., 2004). Além disso, a responsabilidade associada ao cuidado do cão tende a promover maior maturidade nas crianças (Davis et al., 2004).

A presença do cão, ao tornar visível uma condição que antes era invisível, pode funcionar como um recurso comunicacional, sinalizando aos que rodeiam que determinados comportamentos podem ser interpretados de forma diferente em crianças neurodivergentes e neurotípicas (Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004). Neste sentido, o cão atua como elemento de aviso e de mediação social, contribuindo para reduzir a ansiedade parental e aumentar a segurança do beneficiário nas interações com terceiros, ajudando a prevenir reações inadequadas por parte dos outros (Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004).

Objetivos do presente estudo

O presente estudo tem como objetivo geral conhecer as perceções sobre as mudanças associadas à utilização de um cão de assistência por uma criança com Atrofia Muscular Espinhal tipo 2. De modo a operacionalizar este objetivo, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

1) conhecer as mudanças percebidas nas dimensões psicológica, familiar e escolar;

2) identificar os desafios associados à utilização do cão nos diferentes contextos;

3) conhecer as motivações que levaram a recorrer a um cão de assistência.

Procuramos, assim, contribuir para a literatura científica sobre um tema ainda pouco explorado e que carece de maior aprofundamento. Assim, este estudo poderá contribuir para um maior conhecimento sobre a utilização de cães de assistência por esta criança com atrofia muscular espinhal tipo 2.

Método

Optou-se por uma abordagem de estudo de caso, qualitativa, de estilo narrativo/descritivo, por se considerar a mais adequada ao objetivo exploratório da investigação e à necessidade de conhecer as perceções sobre as mudanças associadas à utilização de um cão de assistência por uma criança com Atrofia Muscular Espinhal tipo 2, no seu contexto real. Esta abordagem permite uma compreensão aprofundada do fenómeno, integrando as perspetivas da criança utilizadora do cão de assistência, da sua mãe e da profissional da instituição responsável pela sua cedência, atendendo à complexidade e ao contexto em que essas experiências ocorrem.

A seleção do caso ocorreu por conveniência, com base na acessibilidade e na proximidade ao contexto de investigação. O estágio curricular realizado na Ânimas facilitou o contacto direto com a família e o acesso ao contexto, permitindo uma recolha de dados mais rica e uma compreensão aprofundada das dinâmicas associadas à utilização do cão de assistência. Embora inicialmente tenham sido considerados vários potenciais casos a explorar, este revelou-se particularmente pertinente para os objetivos da investigação, favorecendo a compreensão das dinâmicas associadas à utilização do cão de assistência.

De forma a responder às questões de investigação formuladas e com base na revisão da literatura efetuada, decidiu-se recorrer a entrevistas semiestruturadas e a guiões preparados especificamente para esta investigação (Brinkmann & Kvale, 2018). Estes guiões permitem à investigadora orientar a conversa, garantindo também que as participantes possam aprofundar e introduzir outros temas que não estavam previstos. Para além de ser um método que permite aos próprios entrevistados partilhar, de forma livre, a quantidade e o tipo de informação que

considerarem pertinente, importa salientar que possibilita uma melhor apreensão das perceções singulares de cada participante (Brinkmann & Kvale, 2018).

No âmbito dos procedimentos éticos foi obtida a autorização da Ânimas, da profissional que acompanha a família e da encarregada de educação, garantindo consentimento informado, confidencialidade e participação voluntária, sendo assegurado às participantes o direito de não responder ou interromper a entrevista. Todas foram informadas sobre a gravação áudio, os seus propósitos e sobre quem teria acesso ao material, concordando com o registo. Por se tratar de uma menor, foi também explicado à criança, de forma adequada à idade, o objetivo da entrevista e os seus direitos, recolhendo-se o respetivo assentimento, assegurando o respeito pela sua vontade.

O anonimato das participantes foi assegurado através de pseudónimos e da alteração de elementos contextuais que pudessem permitir a sua identificação. As entrevistas foram gravadas em áudio para garantir um registo completo do discurso. Optou-se por este método porque a recolha exclusiva por anotações fragmentaria a conversa e reduziria a qualidade da informação.

Apenas a investigadora e a orientadora tiveram acesso às gravações e transcrições. As gravações serão eliminadas 30 dias após a recolha dos dados e as transcrições três meses depois. Apesar de a investigadora ter realizado um estágio na Ânimas, foi garantido que a participação da família era totalmente voluntária e independente dessa relação prévia.

As entrevistas foram realizadas em agosto e setembro de 2026, com uma duração média de cerca de uma hora. A entrevista da mãe decorreu de forma isolada, sem a presença da criança ou da profissional, enquanto a encarregada de educação esteve presente nas restantes entrevistas, tanto na da criança como na da profissional da instituição. Esta configuração resultou da escolha das participantes e de fatores de conveniência, sendo considerada a solução mais confortável. As entrevistas decorreram em locais escolhidos pelas próprias participantes.

Para além das entrevistas, tivemos acesso aos registos fornecidos pela instituição de cedência do cão de assistência, que incluíam informação médica e a descrição das competências funcionais globais da criança. O perfil funcional da Maria foi igualmente complementado pelas informações prestadas pela mãe.

No que concerne ao tratamento dos dados recolhidos, adotou-se uma análise de conteúdo categorial de natureza dedutiva, partindo de categorias previamente definidas de acordo com os objetivos do estudo (Bardin, 2016). As categorias criadas foram: o processo de candidatura, adoção e acesso formal ao cão de assistência; caracterização e cuidados a ter com o cão; exigências, desafios e barreiras associadas à utilização do mesmo; adaptação e dinâmica familiar; mudanças percebidas na criança; papel do cão de assistência; limites do apoio do cão e necessidades adicionais da criança; dinâmica escolar e perfil da família e contexto clínico.

A unidade de codificação utilizada foi a unidade de sentido, entendida como um segmento de discurso que expressa uma ideia completa e relevante para a categoria (Bardin, 2016). Após a definição das categorias, foram criados códigos indutivos para organizar essas unidades de sentido, emergindo diretamente da leitura sistemática das entrevistas.

Cada entrevista foi analisada individualmente e, posteriormente, procedeu-se à integração das diferentes perspetivas, identificando convergências, divergências, especificidades e complementaridades entre os discursos das participantes.

Características das participantes

Participaram neste estudo de caso uma criança com diagnóstico de atrofia muscular espinhal tipo 2, utilizadora de um cão de assistência, a sua mãe e uma profissional da instituição responsável pela cedência de cães de assistência, que acompanha o caso desde o seu início.

A participante, designada pelo pseudónimo Maria, tinha 7 anos à data do estudo e apresenta um diagnóstico de atrofia muscular espinhal tipo 2. O diagnóstico foi confirmado por volta dos 3 anos, após vários esforços da mãe para compreender a perda de força muscular que se tornou evidente entre os 10 e os 12 meses, sendo também tardia a aquisição da marcha. À data da entrevista, Maria apresentava peso e altura ligeiramente abaixo do esperado para a idade e possuía uma incapacidade significativa reconhecida oficialmente.

A administração da medicação destinada a travar a perda muscular progressiva iniciou-se por volta dos 3 anos, permitindo que deixasse de perder massa muscular e possibilitando o progresso que se mantém até aos dias de hoje. Para sustentar esse progresso, Maria realizou fisioterapia desde tenra idade e teve acompanhamento psicológico durante

algum tempo. Atualmente, pratica várias atividades de desporto e dança adaptados com o auxílio do andarilho.

Apesar das limitações, Maria tem vindo a melhorar significativamente. Após 4 anos sob medicação, adquiriu capacidades como praticar desportos adaptados, percorrer pequenas distâncias com o andarilho, e deslocar-se autonomamente em cadeira elétrica para distâncias maiores. Consegue comer autonomamente desde que os alimentos sejam previamente cortados, não utiliza apoio respiratório diurno ou noturno e levanta-se e vira-se com apoio de superfícies. Todas estas competências eram impossíveis anteriormente à administração da medicação. Maria não controla adequadamente a postura corporal nem a força muscular, necessitando ainda de ajuda da mãe para se vestir, tomar banho, calçar-se, cortar alimentos, entre outras atividades, além do apoio prestado pelo cão de assistência há 2 anos, de nome Bobi.

À data das entrevistas, Maria frequentava o 1.º ano do ensino básico, acompanhada pelo Bobi, não existindo diferenças ao nível cognitivo entre Maria e os colegas. Contudo, Maria teve início de escolarização atípico, iniciando tardiamente o seu primeiro ano de pré-escolar.

A mãe e encarregada de educação, designada pelo pseudónimo Raquel, encontrava-se na casa dos 30 anos no momento da entrevista. Teve uma gravidez sem intercorrências, e Maria é filha única, não existindo outras doenças hereditárias conhecidas na família. O diagnóstico surgiu após a realização de testes genéticos aos progenitores, que identificaram ambos como portadores saudáveis da mutação associada à doença.

A profissional da instituição de cedência de cães, a Ânimas, trabalha como treinadora dos cães de assistência, adaptando o treino às necessidades do beneficiário, ao qual atribuímos o pseudónimo Joana. Para além do treino, acompanha as famílias beneficiárias, assegurando o bem-estar tanto da família como do animal. Neste caso, Joana, uma mulher de meia-idade, acompanha a família há dois anos.

Apresentação e discussão dos resultados

Nesta secção apresentam-se e analisam-se os resultados obtidos no estudo de caso, agrupados segundo as categorias definidas nos objetivos do estudo. Cada categoria integra evidências recolhidas através das entrevistas realizadas, permitindo compreender de forma integrada o impacto de um cão de assistência na vida de uma criança com atrofia muscular espinhal tipo 2.

Motivações e processo de adoção do cão de assistência

Relativamente ao terceiro objetivo, a perspetiva de Raquel indica que este processo teve origem numa situação inesperada, decorrente do contacto com a Ânimas durante um período de internamento hospitalar da criança. Segundo Raquel, a interação da Maria com os cães da instituição despertou um interesse particular por este tipo de apoio.

> Para ela, os melhores momentos no hospital era quando os cães iam lá. Pronto, aquilo começou-me a ficar na cabeça e tal. Vamos arranjar um cão para ser treinado para dar à Maria. Longe de acharmos que ela tinha direito a qualquer tipo de cão de assistência. (Raquel)

Este contacto inicial veio acompanhado de orientações por parte dos profissionais da instituição relativamente ao processo de acesso a este tipo de apoio, o que aumentou o interesse da família em avançar com a obtenção de um cão de assistência. Ao perceberem que a filha reunia os critérios necessários para aceder formalmente a este recurso, tornou-se possível conjugar o gosto da criança por animais com a necessidade de apoio nas atividades diárias.

O processo de candidatura envolve entrevistas e avaliações destinadas a confirmar se a família reúne condições adequadas para integrar um cão de assistência. Segundo Raquel, desde a submissão da candidatura até à atribuição do cão decorreram aproximadamente seis meses, podendo ser considerado um processo “relativamente rápido”, quando comparado com o que é frequentemente descrito na literatura. Já de acordo com a profissional da Ânimas, o processo de candidatura e atribuição de um cão de assistência tem, em média, uma duração de cerca de dois anos e meio, o que demonstra que, no caso desta família, o tempo de espera foi substancialmente inferior ao habitual. Nesta dimensão, os relatos de Raquel e Joana

complementam-se, o que permite compreender que a experiência desta família foi marcada por um processo mais célere do que o habitual. Vários estudos referem que o percurso até à atribuição de um cão de assistência tende a ser longo e exigente (Futeran et al., 2022; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, Verdon & O'Haire, 2019). Segundo Raquel e Joana, quando a família começou a ponderar recorrer a um cão de assistência, o Bobi já se encontrava em fase de treino na Ânimas, o que poderá ter contribuído para um tempo de espera inferior ao habitualmente descrito. A profissional acrescenta que, neste caso, o período de acoplamento também foi particularmente breve, permitindo uma integração mais rápida do cão na família. Estas perspetivas não apenas contrastam com o que é descrito na literatura, como acrescentam uma nuance relevante: mostram que o processo de acesso a um cão de assistência não é uniforme e pode variar substancialmente entre famílias, mostrando que diferentes fatores influenciam a duração do processo.

Já na perspetiva da criança, não foram identificadas motivações para o recurso a um cão de assistência, uma vez que a Maria refere não se recordar da fase anterior à integração do cão de assistência no meio familiar. Esta perceção contrasta com os relatos de Raquel e Joana, oferecendo uma visão complementar sobre a experiência vivida pela família.

O impacto da utilização do cão de assistência na dimensão psicológica e social

No âmbito da dimensão psicológica, as entrevistas permitiram obter uma perspetiva aprofundada sobre o impacto do cão de assistência no bem-estar psicológico da Maria.

Quanto às mudanças observadas após a chegada do Bobi, Raquel e Joana descrevem transformações sobretudo de natureza emocional. Raquel refere que Maria se tornou "muito mais calma" e demonstra maior paciência no quotidiano, enquanto Joana destaca que a criança passou a evidenciar mais tranquilidade e "paz". Ambas associam a presença do cão a um aumento da felicidade, da autoestima, da independência e da confiança, mudanças visíveis em vários contextos da vida da criança e particularmente evidentes após o início da integração escolar acompanhada pelo Bobi. Raquel sublinha ainda um crescimento pessoal significativo, afirmando que "deu-lhe ali uma autoestima… então, a nível psicológico, deu-lhe ali uma força brutal… começou ali a crescer e a ficar muito mulherzinha, muito independente". A mãe acrescenta que a criança passou a realizar mais tarefas de forma autónoma: "ela começou a ser autónoma. Ela hoje não está constantemente a chamar-me… ela sabe que o Bobi está ali, até vai arriscar e vai lá sozinha".

Estas perceções complementares de Raquel e Joana oferecem uma visão consistente sobre as mudanças emocionais e comportamentais percecionadas, permitindo compreender de forma mais ampla o impacto que a presença do Bobi teve no quotidiano da criança. Estudos como os de Allen e Blascovich (1996), Bloom (2025), Beaulieu et al. (2025), Crowe et al. (2019), Davis et al. (2004) e Sachs-Ericsson et al. (2002), entre outros, descrevem efeitos positivos na autoestima, confiança, independência, estabilidade emocional e crescimento pessoal. Embora Rodriguez et al. (2020) reportem resultados menos consistentes, o presente caso sugere que a qualidade da relação e o vínculo estabelecido entre a criança e o cão podem desempenhar um papel decisivo na robustez dos efeitos observados. Estas perceções não apenas se articulam com parte da literatura, como também acrescentam uma nuance relevante: mostram de que forma as mudanças psicológicas percecionadas influenciam diretamente o comportamento da criança, complementando e especificando os efeitos descritos nos estudos.

No caso presente, Maria convive com o Bobi há cerca de dois anos, período que, segundo Raquel e Joana, permitiu o desenvolvimento de um vínculo forte e a consolidação das mudanças descritas. Estas perceções das participantes oferecem um enquadramento que ajuda a compreender o impacto de Bobi no quotidiano da criança.

A nível social, Raquel descreve que, antes da chegada do Bobi, a Maria tendia a isolar-se, preferindo brincar sozinha. Segundo a mãe, após a integração do cão, a criança passou a demonstrar menor receio de interagir com pessoas e mais disponibilidade para o contacto com terceiros. Esta perspetiva sugere uma evolução significativa na forma como a criança se relaciona com o meio envolvente.

> A Maria brincava muito no seu canto, com as suas coisas e ‘ninguém me incomode’… com o Bobi não. Com o Bobi, a Maria começou a não ter tanto receio das pessoas, começou a ter mais autoconfiança. Eu acho que está tudo ali: ela ganhou aquela autoconfiança, aquela autoestima, aquela eu posso, eu tenho, eu faço. Foi uma mudança notória. (Raquel)

Raquel e Joana associam esta evolução à sensação de segurança e orgulho que a presença do Bobi parece transmitir à criança. Segundo ambas, esta perceção contribui para que a Maria explore o ambiente com maior confiança e realize determinadas tarefas de forma

mais autónoma. Além disso, tanto Raquel como Joana referem que, após a integração do cão, se tornou mais frequente a aproximação de outras pessoas à criança, motivada pela curiosidade e interesse pelo cão de assistência. Joana relata que algumas pessoas chegavam mesmo a comentar que gostariam de ter "um cão herói como o teu". Estas perceções complementares sugerem que a presença do Bobi funciona como facilitador de contacto social e aproximação, influenciando positivamente a forma como a Maria é percecionada no meio envolvente.

Autores como Allen e Blascovich (1996), Crowe et al. (2019), Ó Conaill et al. (2025) e Sachs-Ericsson et al. (2002), entre outros, apresentam resultados que descrevem diversos efeitos positivos associados ao acompanhamento por cães de assistência. Já Bloom (2025) defende que o crescimento pessoal emerge do estabelecimento de relações significativas. Segundo Joana e Raquel, o cão não só facilita interações sociais, como também parece constituir uma relação significativa para a criança, associada a um crescimento pessoal percebido como relevante. Complementando os estudos anteriormente descritos, os dados deste caso indicam que a presença do cão gera na criança sentimentos de orgulho e, por vezes, mudanças de comportamento entre os colegas. Esta dimensão acrescenta uma perspetiva pouco explorada na literatura, indicando como os efeitos psicológicos associados ao cão de assistência se manifestam no contexto escolar, um ambiente social particularmente rico e complexo.

O cão de assistência assumiu um papel emocional particularmente relevante após um episódio marcante na vida da criança, a morte de um familiar próximo, "D". Segundo Raquel, durante esse período, o Bobi tornou-se o principal suporte emocional de Maria, acompanhando-a constantemente e proporcionando-lhe conforto, o que foi percecionado como contribuindo para o seu bem-estar emocional e, consequentemente, para toda a dinâmica familiar. Esta experiência reforça, na perspetiva da participante, a importância da relação de companheirismo estabelecida entre a criança e o cão.

Estas perceções convergem com o que é descrito por Allen e Blascovich (1996), Beaulieu et al. (2025), Crowe et al. (2019), Davis et al. (2004), Fairman e Huebner (2000), entre outros, que identificam os cães de assistência como fontes relevantes de suporte emocional para os seus beneficiários. Já Rodriguez et al. (2020) evidenciam que menos de metade dos estudos reportaram melhorias consistentes na saúde emocional, sugerindo que

estes efeitos não são uniformes. De acordo com Rodriguez et al. (2020) e Sachs-Ericsson et al. (2002), a discrepância, pode estar relacionada com vários fatores, como o tempo de adoção do cão, características individuais (idade, sexo, necessidades específicas), contexto familiar ou até o gosto da criança por animais. No presente estudo, as perceções das participantes ajudam a compreender esta variabilidade. Raquel e Joana descrevem que o apoio emocional proporcionado pelo Bobi está ligado ao vínculo estabelecido e às características individuais da Maria, elementos que parecem influenciar a forma como o cão é integrado no quotidiano e como os seus efeitos se manifestam.

Segundo Raquel e Joana, o Bobi assume um papel de regulação emocional, sendo percecionado como fonte de segurança, companhia e tranquilidade em diferentes contextos da vida da criança. Para além das tarefas práticas que desempenha, no contexto escolar, o cão é descrito como um porto de abrigo que permite à Maria sentir-se confortável para arriscar novas atividades e desenvolver maior autonomia. De acordo com as participantes, a presença do Bobi está associada a melhorias ao nível da atenção, da paciência e do foco, associando esta mudança à estabilidade emocional que o cão lhe transmite. Joana refere que o cão contribui para reduzir o desgaste emocional anteriormente sentido em situações associadas a sentimentos de insegurança. A análise revela uma convergência significativa na forma como Joana e Raquel descrevem as mudanças percecionadas na Maria.

> A Maria já não tem aquele desgaste emocional, aquela preocupação. A Maria com o Bobi pode estar mais focada no que o professor está a explicar nas aulas. O porquê? Porque o Bobi dá-lhe essa confiança, esse à-vontade e tira-lhe a preocupação de se me cair alguma coisa... o Bobi está lá para isso, o que disponibiliza o foco da Maria para estar a ouvir o professor nas tarefas escolares e não preocupada. (Joana)

Autores como Beaulieu et al. (2025), Crowe et al. (2019), Davis et al. (2004) e Ó Conaill et al. (2025) referem que o desempenho escolar pode melhorar quando o cão de assistência reduz ou elimina obstáculos físicos que dificultavam a participação da criança. A literatura é complementada pelas perceções de Raquel e Joana, que acrescentam uma perspetiva importante. Ambas salientam que a forte ligação entre a Maria e o Bobi parece reforçar sentimentos de segurança e estabilidade emocional, contribuindo para maior

motivação e envolvimento nas atividades escolares. Assim, embora exista consistência com os efeitos identificados na literatura, este caso especifica variáveis adicionais, como a qualidade da relação e o vínculo emocional, que podem desempenhar um papel decisivo no modo como a criança se envolve e progride no contexto escolar.

Os dados indicam um impacto positivo da presença do Bobi nas sessões de fisioterapia e psicologia. Segundo Raquel, o cão parece aumentar a motivação da Maria e facilitar a sua participação nas atividades terapêuticas, tornando-as menos exigentes do ponto de vista emocional. O aumento da motivação já foi reportado anteriormente por Binder et al. (2024) e Lindsay e Thiyagarajah (2021) como um dos efeitos associados a programas de apoio assistidos por animais. No caso presente, as perceções das participantes oferecem um enquadramento consistente com a literatura, oferecendo um exemplo concreto de como a relação estabelecida entre a criança e o cão pode influenciar diretamente o envolvimento nas sessões.

> A Maria fez psicóloga durante muito tempo…. Era uma obrigação ela ir, mas eu acredito que estivesse lá o cão que ela falava muito mais depressa…. é isso, a Maria ir à fisioterapia é uma obrigação, mas o Bobi vai agora… (Raquel)

Este efeito soma-se ao impacto positivo associado ao contacto físico com o animal, amplamente descrito por Allen e Blascovich (1996), Beaulieu et al. (2025), Crowe et al. (2019), entre outros. Joana e Raquel descrevem o toque nas orelhas do Bobi como particularmente calmante para a Maria. Esta observação oferece um exemplo concreto de como a interação tátil pode assumir um papel funcional na autorregulação emocional, complementando os estudos que identificam o toque e a proximidade como estímulos associados à redução da ansiedade e ao aumento da disponibilidade para o envolvimento em tarefas.

Importa salientar que, na perspetiva da própria criança, Maria apenas refere sentir maior tristeza quando o Bobi não está presente na escola e declara sentir uma autoestima mais elevada quando o animal a acompanha. Contudo, a criança também indica não se recordar dos períodos de receção do cão nem de momentos anteriores à sua chegada, o que limita a sua capacidade de comparar diferentes fases do percurso vivido. Esta perceção contrasta com os relatos de Raquel e Joana, que descrevem mudanças consistentes ao nível emocional,

comportamental e social após a integração do Bobi em múltiplos contextos. Assim, enquanto Raquel e Joana descrevem alterações marcantes e observáveis, a própria criança centra-se sobretudo no momento presente e nas emoções associadas à presença ou ausência do cão, oferecendo uma visão distinta sobre a experiência vivida.

Perceção sobre o impacto da utilização do cão de assistência na dimensão escolar

Segundo Raquel, o acompanhamento do Bobi iniciou-se na pré-primária, embora nessa fase o cão apenas estivesse presente durante as manhãs. Com a entrada no 1.º ano, Bobi passou a acompanhar Maria ao longo de todo o dia de aulas. No caso de Maria, importa salientar que, no momento da entrevista, a criança apenas tinha iniciado o 1.º ano escolar, pelo que, como referem Raquel e Joana, não existe um ponto de comparação quantitativa relativamente ao desempenho académico.

Segundo Raquel, Maria e Joana, a dupla foi recebida de forma muito positiva no contexto escolar, apesar de a instituição desconhecer totalmente a possibilidade de cães de assistência acompanharem crianças desta idade. Assim, a complementaridade das três perspetivas permite compreender a receção da dupla no contexto escolar.

Após esta aceitação inicial, a escola recebeu uma demonstração por parte da profissional da Ânimas, que esclareceu como funcionários e crianças podiam, ou não, interagir com o cão. Joana e Raquel referem que a formação foi bem recebida pela comunidade escolar, não se verificando, posteriormente, dificuldades relacionadas com este processo.

Bobi acompanhou Maria diariamente, exceto nas visitas de estudo, atividades desportivas e o centro de estudos, cuja presença não é autorizada por escolha da família e desaconselhamento por parte da Ânimas. Segundo Raquel, na ausência do seu cão de assistência, Maria mostra-se diferente, procurando constantemente o conforto que o Bobi lhe proporciona, chegando mesmo a revelar tristeza. Para a mãe estas manifestações demonstram o papel emocional que o cão assume no quotidiano da criança.

Raquel identifica que a principal dificuldade da Maria “é, e vai ser sempre, a diferença perante as outras crianças”, sobretudo ao nível físico. Ainda assim, refere que, em sala de aula, a criança consegue realizar todas as tarefas propostas, excetuando aquelas que exigem

maior destreza, como ir buscar materiais ao arquivo. As participantes relatam que, tanto na escola como noutros contextos, o Bobi desempenha funções como abrir portas, gavetas ou apanhar objetos do chão, facilitando atividades que anteriormente exigiam maior esforço, ainda que estas ajudas raramente sejam necessárias devido ao acompanhamento constante dos professores. Para Raquel e Joana, estas pequenas intervenções são essenciais para que a Maria "ganhe confiança porque consegue, ela vai arriscando", permitindo-lhe até "esquecer" algumas das suas limitações. A análise sugere que o apoio do Bobi funciona como facilitador de comportamentos de exploração e iniciativa, ao eliminar progressivamente barreiras à participação da criança. Em conjunto, estas perspetivas permitem compreender de forma integrada como o cão apoia a redução de obstáculos no contexto escolar.

A mãe relata que no recinto escolar, o responsável pelo Bobi é o professor ou uma funcionária específica próxima da criança.

Tal como na categoria anterior, os resultados revelaram alguma divergência. A Maria afirma não conseguir recordar períodos anteriores à chegada do cão ao contexto escolar e nega diferenças entre o antes e o depois da sua integração. Esta perceção contrasta com os relatos de Raquel e Joana, que descrevem mudanças consistentes no comportamento e bem-estar da criança após a presença do Bobi, destacando melhorias em vários domínios do funcionamento escolar. Estas perceções alinham-se com o que é descrito na literatura, nomeadamente por Beaulieu et al. (2025), Crowe et al. (2019), Davis et al. (2004) e Ó Conaill et al. (2025), que identificam mudanças claras em diferentes dimensões do contexto escolar.

Perceção sobre o impacto da utilização do cão de assistência na dimensão familiar

Segundo a mãe, desde a chegada do Bobi passaram a existir cuidados acrescidos com alimentos deixados ao alcance do cão e a necessidade de habituar toda a família a uma atenção especial à sua alimentação, sobretudo por se tratar de um animal que vive em condições específicas. Raquel acrescenta que a presença do cão implica inevitavelmente ajustes e mudanças familiares, tal como referido por outros autores (Crowe et al., 2019; Futeran et al., 2022; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, Verdon e O'Haire, 2019). Na perspetiva das participantes, estas alterações não são entendidas como negativas, mas como parte natural da adaptação a um novo elemento na rotina familiar. Esta interpretação contrasta com a literatura, que frequentemente descreve desafios associados à integração de cães de

assistência no contexto doméstico, mostrando que há casos em que essas mudanças são vividas de forma positiva e integrada, sem serem percecionadas como dificuldades.

Desde o início, Raquel e Joana descrevem que a Maria sentiu uma enorme felicidade ao receber o cão de assistência. A própria criança utiliza a palavra felicidade para caracterizar a relação da mãe com o Bobi, revelando que perceciona essa ligação de forma positiva. Os relatos das participantes sugerem uma forte conexão emocional entre a criança e o cão, descrita pela mãe como a de "dois cúmplices… são almas gémeas". Raquel acrescenta que o Bobi estabeleceu também um vínculo significativo com toda a família, sendo visto como um "filho e, para os avós, um neto", constituindo um elemento integrante da dinâmica familiar, tal como referido por vários autores (Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019). Contudo nem todas as famílias vivenciam este tipo de vínculo, havendo casos em que o cão é percecionado sobretudo como um apoio funcional ao beneficiário (Nieforth et al., 2021; Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire, 2019). A complementaridade das três perspetivas aponta para a existência de um vínculo forte vivido por Maria e Raquel em relação a Bobi. Esta abordagem constitui um exemplo concreto de como algumas famílias vivem o cão de assistência como parte da sua estrutura relacional, atribuindo-lhe um lugar que ultrapassa a função de apoio, estendendo-se à esfera afetiva e organizacional da vida familiar.

Nos relatos de Raquel e Joana, o Bobi parece ter facilitado a vida familiar em vários aspetos. Antes da sua integração, a Maria tinha dificuldade em adormecer e necessitava de contacto físico constante com a mãe; desde então, o cão passou a assumir esse papel. As participantes referem também que o Bobi desempenha em casa várias funções, como abrir portas, apagar luzes, abrir gavetas, apanhar objetos ou tirar sapatos, além de ajudar a arrumar brinquedos. A própria criança afirma que o cão "ajuda muito", convergindo com as perceções das adultas sobre o impacto positivo do Bobi no quotidiano familiar.

Foram identificadas mudanças na autonomia da Maria dentro de casa, resultando num decréscimo das responsabilidades imediatas da mãe, uma vez que a criança "agora sabe que se precisar… tem o Bobi", embora continue a necessitar de apoio em tarefas que exigem maior destreza física, como comer ou tomar banho. Segundo Raquel e Joana, o cão oferece segurança à criança, permitindo-lhe arriscar e explorar de forma mais independente e

confiante. “A Maria não se levantava sozinha, agarra-se às coisas, mas levanta-se…não se virava sozinha na cama…agora vira-se sozinha na cama à maneira dela” (Raquel)

Vários autores identificam que o apoio prestado por cães de assistência nas tarefas diárias pode reduzir o tempo de ajuda que familiares e cuidadores precisam de prestar à criança (Beaulieu et al., 2025; Crowe et al., 2019; Davis et al., 2004; Lindsay & Thiyagarajah, 2021; Ó Conaill et al., 2025). Na leitura da mãe, esta realidade parece refletir-se no quotidiano familiar, uma vez que a presença do Bobi permite que a Maria se torne mais independente do apoio de terceiros, complementando a literatura ao ilustrar concretamente como o apoio do cão afeta também os familiares. Raquel refere ainda que, mesmo quando ocorre algum imprevisto, pode contar com o alerta do Bobi, o que, na sua perspetiva, contribui para o seu bem-estar enquanto cuidadora, ao reduzir a carga emocional e física associada ao acompanhamento diário.

Mesmo ao nível do bem-estar físico, sendo a doença da Maria progressiva, não foi identificado qualquer retrocesso ou avanço significativo desde a chegada do cão. Ainda assim, Raquel aponta a presença do Bobi como possível contributo para a estabilidade da condição, interpretando-a como um indicador positivo. A mãe refere que o apoio do cão em determinadas tarefas reduz o esforço físico que a Maria teria de fazer sozinha, esforço que “provavelmente iria trazer mais complicações”. Assim, as perspetivas de Joana e Raquel ilustram a ideia de que o Bobi “traz-lhe qualidade de vida sim, no contexto global” (Raquel). Os estudos de Beaulieu et al. (2025), Crowe et al. (2019), Davis et al. (2004), Futeran et al. (2022), Lindsay e Thiyagarajah (2021), sublinham que o cão de assistência não representa uma “cura milagrosa” para qualquer incapacidade, mas pode proporcionar melhorias significativas na qualidade de vida do beneficiário. Em conformidade com as perceções das participantes, a presença do Bobi é percecionada como um possível contributo para a manutenção da condição clínica, embora não seja entendida como uma forma de tratamento da doença.

Tal como na categoria anterior, os resultados revelaram alguma divergência. Na perspetiva da Maria, não se identificam diferenças entre o período anterior e posterior à chegada do cão de assistência, sendo evidente a dificuldade da criança em recordar momentos prévios à integração do Bobi. Contudo, os dados recolhidos junto das restantes participantes, Joana e Raquel, são convergentes e apontam para melhorias consistentes no bem-estar,

autonomia e estabilidade emocional da criança após a presença do cão no contexto familiar. Em conjunto, todas as participantes reforçam a pertinência deste tipo de apoio para beneficiários que dele necessitam.

Perceção sobre os desafios da utilização do cão de assistência

Foi identificado um desafio associado ao acesso a um centro comercial, quando Raquel e Maria foram interpeladas por um segurança que tentou impedir a sua permanência, mesmo após a apresentação da documentação correta, por assumir que cães de assistência se destinam exclusivamente a pessoas cegas. Apesar deste episódio, Raquel refere que não ocorreram situações semelhantes posteriormente e que, na zona de residência, a presença do Bobi nunca gerou dificuldades. Segundo a profissional entrevistada, os obstáculos no acesso a espaços públicos são frequentes noutros acompanhamentos da Ânimas, mesmo quando os cães estão devidamente identificados. A própria profissional também relata ter experienciado situações semelhantes, reforçando que as dificuldades de acesso a locais públicos são frequentes, mesmo quando os cães estão devidamente identificados. Estas perspetivas convergentes sugerem a persistência de desconhecimento por parte de alguns estabelecimentos e profissionais. Este desafio no acesso a locais públicos é um dos mais frequentemente reportados (Davis et al., 2004; Fairman & Huebner, 2000; Lindsay & Thiyagarajah, 2021). Para além de ilustrar a dificuldade de acesso, o caso sugere a crença de que estes cães se destinam exclusivamente a pessoas cegas. Este aspeto acrescenta um contributo relevante à literatura, ao mostrar que a desinformação não se limita às regras de acesso, mas inclui também conceções erradas sobre quem pode beneficiar deste tipo de apoio. A inclusão da experiência profissional reforça a importância de considerar não apenas os desafios vividos pelas famílias, mas também aqueles enfrentados pelos profissionais que acompanham estes processos.

Tal como discutido anteriormente relativamente às mudanças nas rotinas familiares, identificou-se a necessidade de disponibilidade temporal, percecionada pela mãe como uma responsabilidade inerente a ter um cão e não como uma dificuldade. Os dados revelaram também a necessidade de planeamento prévio em festas, viagens ou eventos, de modo a garantir que o Bobi possa ser acomodado sem constrangimentos. Apesar de Futeran et al. (2022) e Rodriguez, Bibbo, Verdon, & O'Haire (2019) identificarem o planeamento prévio como um desafio logístico frequentemente reportado por famílias, Raquel não o entende dessa

forma. Para ela, trata-se simplesmente de uma responsabilidade que deve ser antecipada e ponderada antes de adotar este tipo de ajuda, sendo integrada de forma natural na rotina familiar.

No que diz respeito à interação com outras pessoas, Joana e Raquel apontam para reações de terceiros marcadas por indignação, descrédito ou confusão quando são instruídos a não afagar o animal, indiciando uma desinformação sobre o tipo de interações apropriadas com um cão de assistência. Além disso, os dados revelam uma dificuldade inicial no contexto escolar: os colegas de Maria, crianças pequenas, mais difíceis de orientar e com menor capacidade de compreender a função do animal, tendiam a alimentar o cão, a tocá-lo de forma persistente e até a tentar dar-lhe comandos, prejudicando o seu desempenho. Esta situação foi ultrapassada após a formação realizada pela profissional da Ânimas, esclarecendo as regras de interação com um cão de assistência. Davis et al. (2004), Eddy et al. (1988), Hart et al. (1987), Nieforth et al. (2021) e Winkle et al. (2011) descrevem as tentativas de aproximação por parte de terceiros como um desafio recorrente. A complementaridade entre as perceções de Raquel e Joana e o que é descrito na literatura mostra que as experiências relatadas pelas participantes se alinham com os desafios frequentemente identificados por diversos autores, reforçando a fiabilidade e consistência dos resultados. Para além disso, estes resultados ampliam a literatura anteriormente descrita, ao introduzirem um contexto bastante particular, oferecendo uma visão sobre a presença de cães de assistência em ambientes escolares, especialmente no pré-escolar e os respetivos desafios.

Outros desafios identificados dizem respeito às visitas de estudo, nas quais a presença do cão de assistência é desaconselhada. Nestes contextos, segundo Raquel e Joana, o animal tende a ser constantemente solicitado e tocado pelos alunos, o que compromete o seu bem-estar e o desempenho das suas funções. Ambas referem ainda que o elevado número de crianças participantes ultrapassa largamente o número de funcionárias disponíveis para supervisionar o grupo. Sendo atividades realizadas em espaços abertos e não controlados, não é adequado atribuir às funcionárias uma responsabilidade adicional tão exigente como a gestão do cão de assistência. De igual modo, a presença do Bobi em espaços como o jardim zoológico é desaconselhada pela profissional, uma vez que estes ambientes podem ser extremamente stressantes para o cão, prejudicando tanto o seu bem-estar como a sua capacidade de desempenhar as funções para as quais foi treinado.

As perspetivas de Raquel e Joana são convergentes, contribuindo para a compreensão dos desafios associados à utilização do cão de assistência em determinados contextos. Já na perspetiva da criança, não foram identificados desafios relacionados com o uso do cão, divergindo das restantes participantes. Ainda assim, a Maria refere a impossibilidade de o Bobi a acompanhar nas visitas de estudo. Enquanto Raquel e Joana descrevem um conjunto de desafios associados ao uso do cão de assistência, a criança centra-se sobretudo na dimensão emocional, interpretando a ausência do Bobi nesses momentos como a principal dificuldade.

Limitações

O presente estudo apresenta várias limitações que importa reconhecer. Em primeiro lugar, a investigação decorreu num período temporal reduzido, o que condicionou a profundidade da recolha de dados.

Além disso, a perspetiva familiar recolhida baseou-se exclusivamente na entrevista realizada à mãe e à criança. Não foi possível entrevistar outros familiares próximos, como avós ou pessoas significativas no quotidiano da criança, que poderiam ter contribuído com perceções relevantes para este tipo de estudo.

Teria sido particularmente relevante entrevistar um profissional do contexto escolar que acompanhasse diariamente a Maria e o Bobi; contudo, tal não foi possível. Estes profissionais observam a criança em sala de aula, acompanham o seu desempenho académico e testemunham interações sociais que os restantes participantes não presenciam, podendo assim oferecer uma perspetiva mais completa sobre o impacto do cão no contexto educativo.

Outra limitação decorre do facto de a beneficiária ser uma criança de idade precoce, o que torna mais difícil distinguir entre mudanças associadas à presença do cão e aquelas decorrentes do desenvolvimento natural. Assim, a interpretação das alterações observadas torna-se mais complexa, sendo provável que perceções mais consolidadas surgissem num participante mais velho. Além disso, o ambiente da entrevista e o facto de a criança ter sido entrevistada por uma pessoa desconhecida podem ter condicionado as suas respostas. Ainda assim, as suas perceções sobre o cão de assistência permanecem válidas e relevantes.

É importante reconhecer possíveis vieses nas perceções recolhidas: o viés de atribuição, que pode levar a atribuir ao cão efeitos não diretamente relacionados; o viés de

desejabilidade social, quando participantes respondem de forma a transmitir uma imagem positiva; e o viés de envolvimento emocional, que pode gerar perceções idealizadas devido à forte ligação afetiva ao cão.

Por fim, reconhecer estes vieses é essencial para interpretar os resultados com cautela, ainda que os relatos sejam válidos e significativos. Para além disso, importa considerar condições concretas que possam ter influenciado os relatos e a própria produção dos dados, como a presença da mãe durante a entrevista da criança e da profissional da instituição, fatores que podem ter condicionado a forma como as perceções foram expressas.

Estudos futuros

Estudos futuros deveriam alargar a recolha de dados a um maior número de pessoas envolvidas nos diferentes contextos de vida do beneficiário, incluindo familiares, profissionais de saúde, professores e outras figuras significativas, de modo a obter uma compreensão mais abrangente do impacto dos cães de assistência.

A realização de estudos longitudinais permitiria acompanhar a evolução dos beneficiários ao longo do tempo e analisar mudanças em diferentes fases do desenvolvimento e da adaptação ao cão.

Seria igualmente relevante investigar este fenómeno em beneficiários com distintos níveis e tipos de incapacidade, identificando perfis que retiram mais benefícios e permitindo ajustar critérios de elegibilidade.

A qualidade das relações familiares antes e depois da chegada do cão também merece atenção, dado o potencial impacto sistémico da intervenção.

Futuros estudos deveriam ainda incluir mais participantes com a mesma condição clínica da Maria, bem como indivíduos de diferentes idades, permitindo comparar experiências, identificar padrões e compreender como as necessidades e benefícios evoluem ao longo da vida.

Conclusão

A presente investigação permitiu compreender de forma aprofundada as perceções sobre as mudanças associadas à utilização de um cão de assistência no quotidiano de uma criança com Atrofia Muscular Espinhal tipo 2, evidenciando benefícios percebidos nas

dimensões familiar, psicológica e escolar. As duas participantes adultas revelaram grande alinhamento nas perceções, enquanto a criança, embora divergindo em alguns aspetos, ofereceu uma perspetiva particularmente relevante por ser a beneficiária direta da intervenção.

Tanto a mãe como a profissional percecionam mudanças positivas nas dimensões familiar, escolar e psicológica, nomeadamente ao nível da estabilidade emocional, autonomia, segurança, foco, atenção e sociabilização. No domínio psicológico, ambas referem um desenvolvimento positivo, traduzido em mais paciência, confiança e bem-estar. Já a criança não identifica as mudanças descritas pelas adultas, revelando uma perceção distinta das restantes participantes.

Os dados indicam ainda que as motivações da família para recorrer a um cão de assistência surgiram a partir das experiências positivas da criança com cães de intervenção durante os internamentos e do posterior contacto com a Ânimas, que permitiu à família conhecer esta possibilidade de apoio.

Por fim, as participantes apontaram também dificuldades, como o acesso a locais públicos, a gestão da aproximação e dos toques de terceiros, bem como a desinformação da população em geral.

Em conjunto, os resultados permitem compreender a utilização do cão de assistência como uma experiência multidimensional, cujos significados e mudanças percebidas variam também em função da perspetiva das diferentes participantes.

Referências bibliográficas

Allen, K., & Blascovich, J. (1996). The Value of Service Dogs for People with severe ambulatory disabilities. A randomized controlled trial. *275(13),* 1001–1006.

Assistance Dogs International. (s.d.). *Assistance Dogs International*. https://assistancedogsinternational.org/

Ânimas (s.d.). *Associação portuguesa para a intervenção com animais de ajuda social.* https://animasportugal.org/

Baioni, M. T. C., & Ambiel, C. R. (2009). Spinal muscular atrophy: diagnosis, treatment and future prospects. *Jornal de Pediatria, 86(4),* 261–270. https://doi.org/10.2223/JPED.1988

Bardin, L. (2016). Análise de conteúdo. Edições 70.

Beaulieu, J., Dutemple, M., Ruberto, N., Jasmin, C., Smith, J., & Boudreau, É. (2025). Assistance Dogs in Schools: What Does This Change for Teachers? *Journal of Education and Learning, 15(3)*, 12–23. https://doi.org/10.5539/jel.v15n3p12

Binder, A. J., Parish-Plass, N., Kirby, M., Winkle, M., Skwerer, D. P., Ackerman, L., Brosig, C., Coombe, W., Delisle, E., Enders-Slegers, M.-J., Fowler, J.-A., Hey, L., Howell, T., Kaufmann, M., Kienast, M., Kinoshita, M., Ngai, D., & Wijnen, B. (2024). Recommendations for uniform terminology in animal-assisted services (AAS*). Human-Animal Interactions, 12(1),* 1–10. https://doi.org/10.1079/hai.2024.0003

Bloom, E. (2025). How assistance Dogs impact the academic and social/emotional development of students with disabilities, 1-68. https://spark.bethel.edu/%20etd/1177

Brás, A., Palavra, F., Araújo, H., Ribeiro, V., & Fineza, I. (2018). Atrofia muscular espinhal: Caracterização clínica e genética de uma população pediátrica como prelúdio de Uma Nova Abordagem Farmacológica. *Sinapse*, *18*(2), 1–9. https://old.sinapse.pt/files/section/e53_s18_atrofia_muscular_espinhal_caracteriza_o_cl_nica_e_gen_tica_file.pdf

Brinkmann, S., & Kvale, S. (2018). Doing interviews (2.ª ed.). SAGE.

Chrun, L. R., Costa, L. R. C., Miranda, G. D. S., & Almeida, F. M. (2017). Atrofia muscular espinhal tipo I: aspectos clínicos e fisiopatológicos. *Revista de Medicina, 96(4),* 281–286. https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v96i4p281-286

Crowe, T. K., Deitz, J. C., Winkle, M. Y., Nelson, R. A., & Woolf, J. (2019). Effects of Partnerships between Adolescents with Developmental Disabilities and Service Dogs. *The Open Journal of Occupational Therapy, 7(1),* 1-16. https://doi.org/10.15453/2168-6408.1520

Davis, B. W., Nattrass, K., O'Brien, S., Patronek, G., & MacCollin, M. (2004). Assistance dog placement in the pediatric population: Benefits, risks, and recommendations for future application. *Anthrozoös, 17(2),* 130–145. https://doi.org/10.2752/089279304786991765

Eddy, J., Hart, L. A., & Boltz, R. P. (1988). The Effects of Service Dogs on Social Acknowledgments of People in Wheelchairs. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied, 122(1),* 39–45. http://dx.doi.org/10.1080/00223980.1988.10542941

Fairman, S. K., & Huebner, R. A. (2000). Service Dogs: A Compensatory Resource to Improve Function. *Occupational Therapy in Health Care, 13(2),* 41–52. https://doi.org/10.1080/j003v13n02_03

Ferreira, M. E. C., Gomes, G. G. C., De Souza, M. C., Taube, O. L. S., Franhan, L. C., Verri, E. D., & Gonçalves, C. R. (2026). Fisioterapia na AME tipo II: Funcionalidade e qualidade de vida (relato). *Revista Neurociências, 34*(1), 1–12. https://doi.org/10.34024/rnc.2026.v34.22143

Futeran, N., Mackenzie, L., Wilkes-Gillan, S., & Dickson, C. (2022). Understanding the participation outcomes for persons with disability when partnered with assistance dogs: A scoping review. *Australian Occupational Therapy Journal, 69,* 475–492. https://doi.org/10.1111/1440-1630.12801

Harris, K., & D. Sholtis, S. (2016). Companion angels on a leash: Welcoming service dogs into classroom communities for children with autism. *Childhood Education, 92(4),* 263–275. https://doi.org/10.1080/00094056.2016.1208003

Hart, L. A., Hart, B. L., & Bergin, B. L. (1987). Socializing Effects of Service Dogs for People with Disabilities. *Anthrozoös, 1(1),* 41–44. https://doi.org/10.2752/089279388787058696

Howell, T. J., Nieforth, L., Thomas-Pino, C., Samet, L., Agbonika, S., Cuevas-Pavincich, F., Fry, N. E., Hill, K., Jegatheesan, B., Kakinuma, M., MacNamara, M., Mattila-Rautiainen, S., Perry, A., Tardif-Williams, C. Y., Walsh, E. A., Winkle, M., Yamamoto, M., Yerbury, R., Rawat, V., & Alm, K. (2022). Defining Terms Used for Animals Working in Support Roles for People with Support Needs. *Animals, 12(15)*, 1-18. https://doi.org/10.3390/ani12151975

Lindsay, S., & Thiyagarajah, K. (2021). The impact of service dogs on children, youth and their families: A systematic review. *Disability and Health Journal.* https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2020.101012

Mader, B., Hart, L. A., & Bergin, B. (1989). Social Acknowledgments for Children with Disabilities: Effects of Service Dogs. *Society for Research in Child Development, 60(6),* 1529-1534. https://doi.org/10.2307/1130941

Martins, A. P., Pimenta, E. S. Z., Lazzarotto, L. P., Biló, P. A., & Bertotti, P. da S. de S. (2026). O impacto da terapia gênica no tratamento da Atrofia Muscular Espinhal (AME): Uma análise de Custo-Benefício da terapia com o Zolgensma. *South American Sciences*, *6*(1), 1–18. https://doi.org/10.52755/sas.v6i1.215

Nieforth, L. O., Rodriguez, K. E., & O'Haire, M. E. (2021). Benefits and challenges of mobility and medical alert service dogs for caregivers of service dog recipients. *Disability and Rehabilitation: Assistive Technology, 18(6),* 743–751. https://doi.org/10.1080/17483107.2021.1916630

O'Keefe, J. H., O'Keefe, E. L., & Lavie, C. J. (2019). The Human-Canine Bond: A Heart's Best Friend. *Mayo Clinic Proceedings: Innovations, Quality & Outcomes, 3(3),* 249–250. https://doi.org/10.1016/j.mayocpiqo.2019.07.009

Ó Conaill, T., Whitty, A., Hollingsworth, S. K., McGee, A., Rafiq, N., Coleman, A., Daly, A., Earley, A., Loo, A., Nizam, A., Trayer, J., Stewart, P., Branagan, A., Lally, E., Roche, E., Meehan, J., & Molloy, E. J. (2025). Dog-ownership and paediatric neurodevelopmental disorders; "pawsitive" impact: A systematic review. *Society for pediatric Research, 99,* 77–87. https://doi.org/10.1038/s41390-025-04206-7

Rodriguez, K. E., Bibbo, J., & O'Haire, M. E. (2019). The effects of service dogs on psychosocial health and wellbeing for individuals with physical disabilities or chronic conditions. *Disability and Rehabilitation,* 1–9. https://doi.org/10.1080/09638288.2018.1524520

Rodriguez, K. E., Bibbo, J., Verdon, S., & O'Haire, M. E. (2019). Mobility and medical service dogs: a qualitative analysis of expectations and experiences. *Disability and Rehabilitation: Assistive Technology,* 1–11. https://doi.org/10.1080/17483107.2019.1587015

Rodriguez, K. E., Greer, J., Yatcilla, J. K., Beck, A. M., & O'Haire, M. E. (2020). The effects of assistance dogs on psychosocial health and wellbeing: A systematic literature review. *PLOS ONE, 15(12),* 1-28. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0243302

Rosa, S. G. V., & Von Der Weid, I. (2026). Diagnóstico do cenário de patentes relacionadas ao zolgensma: Status atual e oportunidades. *Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia E Inovação*, *11*(00), 1–3. https://doi.org/10.18554/rbcti.v11i00.8352

Sachs-Ericsson, N., Hansen, N. K., & Fitzgerald, S. (2002). Benefits of assistance dogs: A review. *Rehabilitation Psychology, 47(3),* 251–277. https://doi.org/10.1037//0090-5550.47.3.251

Sistema de informação de animais de companhia. (2026). *SIAC*. https://www.siac.pt/

Suzaine Da Silva, F., Manoela, J., Rodrigues, P., Nolasco De Brito, R., Macedo, T., & Borgmann, A. (2021). Intervenção fisioterapêutica na atrofia muscular espinhal: Revisão de literatura. *Revista de Neurociências, 29*, 1–22. https://doi.org/10.34024/rnc.2021.v29.11029

Winkle, M., Crowe, T. K., & Hendrix, I. (2011). Service Dogs and People with Physical Disabilities Partnerships: A Systematic Review. *Occupational Therapy International, 19(1),* 54–66. https://doi.org/10.1002/oti.323